

INTERCOM/2003 - XXVI CONGRESSO BRASILEIRO  
PUC/MG - Belo Horizonte (MG) - Setembro/2003

## **O ESTIGMA DE SER JORNALISTA ESPORTIVO**

(A DISCRIMINAÇÃO DO PROFISSIONAL DE  
ESPORTE NA IMPRENSA BRASILEIRA)

**JOSÉ CARLOS MARQUES**

(Doutor em Jornalismo pela Universidade de São Paulo)

Comunicação a ser apresentada  
no Grupo de Trabalho *Mídia Esportiva*  
Coord.: Prof. Dra. Vera Regina Toledo Camargo

### Resumo

Dentro do jornalismo impresso brasileiro, a editoria de esportes vem lutando, desde o início do século XX, contra o estigma do despreparo e da alienação política. E o futebol, por dominar o noticiário da área em nosso país, acabou moldando em grande medida o perfil desse profissional de imprensa ligado ao esporte, por vezes combatido e menosprezado no contexto da macro-estrutura do jornal. Esse fenômeno não conseguiu ser superado até hoje, já que em épocas de Copas do Mundo (momento em que se dá o maior aporte de investimento e patrocínio na área) são as “celebridades” das outras editorias – como política, artes e cultura – que ganham maior visibilidade e notoriedade dentro das coberturas dos grandes jornais brasileiros.

Palavras-chave: imprensa esportiva; futebol; jornalismo

“A crônica não é um gênero maior”: a definição de Antonio Candido <sup>1</sup> sobre esse gênero literário-jornalístico poderia ser estendida, há algumas décadas, às editorias dos órgãos de imprensa brasileiros, que sempre encararam o noticiário esportivo como algo também menor. E o percurso percorrido pelo futebol entre o amadorismo e o profissionalismo em nosso país tem sua similaridade na trajetória da imprensa esportiva. Até o início da década de 40, o cronista esportivo ocupava a posição mais baixa na hierarquia dos jornais, e o futebol mantinha discreto destaque na imprensa escrita: “*A exemplo do jornalismo policial, o jornalismo esportivo era uma espécie de filho bastardo*”.<sup>2</sup> Do mesmo modo que Umberto Eco vê a imprensa esportiva como a “negação de todo discurso”<sup>3</sup>, sobre os jornalistas esportivos também se assentou, com relativa facilidade, o manto da falta de especialização, do despreparo e da alienação. Essa imagem é certamente advinda das circunstâncias que fundamentaram as coberturas de futebol no Brasil, no início do século XX:

*As funções não eram fixas nem, muito menos, compensadoramente remuneradas. A maioria dos ‘cronistas’ trabalhava de graça, só para ter o ensejo de escrever em jornal, já que essa era a sua inclinação, e para poder, principalmente, defender o seu clube, porque, naquele tempo, tal como hoje, o ‘cronista’ tinha seu clube preferido, com a diferença de que, antes, àquela época, ninguém fazia segredo disso. Pelo contrário: eram comuns os escudos à lapela dos ‘cronistas’ e indispensável a sua presença nas comemorações dos triunfos. O redator profissional, mas que fazia da imprensa um simples ‘bico’, tanto podia ser ‘cronista’ de esportes no domingo, como redator policial na segunda-feira, crítico teatral na terça, repórter de rua na quarta, observador político na quinta ou – o que não era raro – tudo isso ao mesmo tempo... Não havia especialização.*<sup>4</sup>

Conquanto a citação demonstre, de forma geral, as condições de amadorismo que estão na base do ofício do jornalismo brasileiro, vale sublinhar que é justamente na figura do homem do esporte que se intensifica o estigma da alienação política. Uma das explicações possíveis reside no fato de que a ação do jornalista esportivo, *a priori*, não detém o poder de provocar mudanças significativas em sistemas políticos ou em estruturas econômicas mais complexas. Se algum repórter fizer uma matéria denunciando irregularidades cometidas por um presidente de clube de futebol, os efeitos dessa

---

<sup>1</sup> Em “A vida ao rés-do-chão”.

<sup>2</sup> Ouhydes Fonseca, “Esporte e crônica esportiva”, em *Esporte & jornalismo*, p. 126.

<sup>3</sup> Ver “A falação esportiva” e “O mundial e suas pompas”, em *Viagem na irrealidade cotidiana*.

<sup>4</sup> Adriano Neiva, “Escrevendo uma história”, em *60 anos de futebol no Brasil*, FPF, São Paulo, 1954, p. 66, citado em Milton Pedrosa, “A crônica esportiva e o cronista de futebol”, em *O olho na bola*, p. 9.

reportagem estarão inicialmente circunscritos ao clube representado por aquele dirigente. Se, ao contrário, a matéria for comprovadamente falsa, é provável que o jornalista em questão, responsável por assinar a reportagem, sofra algum processo ou contestação judicial – mas nada que interfira na vida do torcedor comum. Contudo, se determinado jornalista fizer matéria semelhante denunciando irregularidades cometidas por um presidente de empresa estatal, como a Petrobras, por exemplo, ou noticiando que determinado governante está prestes a renunciar, os efeitos de notícias desse quilate têm o poder de afetar cotações cambiais, valorizar ou desvalorizar ações nas bolsas, provocar queda de funcionários públicos ou políticos etc. No caso dos jornalistas esportivos, porém, a própria matéria que lhes servia de combustível era encarada no início apenas como contemplação ou entretenimento, e não os obrigava a correlacionar fatos ou a exercer maiores considerações com circunstâncias políticas ou econômicas:

*A maior liberdade de ação do repórter esportivo – mais concedida do que propriamente conquistada, se levado em conta o sistema social brasileiro – levou-o a ser considerado como um alienado, que não saberia fazer a ligação entre sua área de ação e o contexto geral da sociedade.*<sup>5</sup>

Como não havia a profissão de jornalista esportivo e nem especialização entre os jornalistas designados para noticiar os eventos esportivos, o homem do esporte surge quase como marginalizado na imprensa. Qualquer “foca”, ao chegar a uma redação, era designado para cobrir o noticiário esportivo ou policial, já que as possíveis conseqüências de seu despreparo não interfeririam no “lado sério” da vida do leitor. Estigmatizado, discriminado e tendo que lutar para que houvesse maior qualidade em seu ofício, os profissionais do esporte se organizaram e se uniram para fundar uma associação que representasse a nova categoria na imprensa. É assim que surge no Rio de Janeiro, em 5 de março de 1917, a Associação dos Cronistas Desportivos, que teria sua congênere paulista fundada logo em seguida<sup>6</sup> – já a ACEESP (Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo), tal qual a conhecemos hoje, foi fundada em 1941.

Ainda que criadas para conglomerar os jornalistas que tratavam do futebol nas páginas dos jornais, cabe lembrar que alguns anos antes, em fins do século XIX e início do

---

<sup>5</sup> Ouhydes Fonseca, *op. cit.*, p. 128.

<sup>6</sup> Tomáz Mazzoni, *História do futebol no Brasil*, p. 116.

século XX, era o remo que monopolizava as atenções do esporte no Rio de Janeiro.<sup>7</sup> Ao longo da enseada da Praia de Botafogo, as competições dominicais provocavam grande afluência de público e concentravam o interesse da imprensa naqueles anos. Entretanto, a primeira área esportiva a receber cobertura mais elaborada dos jornais cariocas e paulistas foi o turfe, que inclusive manteve grande espaço até meados da década de 1980, com colunistas, noticiário e cobertura quase diários.

A partir do momento em que o esporte iniciou seu processo de profissionalização, igual procedimento se deu junto ao jornalismo esportivo: o enriquecimento do futebol e sua profissionalização estão diretamente relacionados ao fortalecimento da imprensa esportiva no Brasil. Assim que os eventos esportivos começaram a adquirir importância social, tornou-se inevitável que a imprensa se debruçasse sobre esses espetáculos. Um exemplo dessa aproximação está na atuação de Mário Filho (irmão de Nelson Rodrigues), que representou um dos profissionais da imprensa que mais se esforçou em valorizar o ‘métier’ do analista e do repórter esportivo, a partir de todo o trabalho empreendido na promoção de competições, eventos, notícias e fatos - em suma, o próprio espetáculo. A invenção do profissional da crônica de futebol é, desse modo, simultânea à do próprio futebol profissional no Brasil, donde temos uma múltipla simbiose: o jornal a criar a demanda para a produção do evento, e este a fornecer elementos para a atuação do homem da imprensa esportiva.

O trabalho de Mário Filho nos bastidores do futebol foi de certo modo decisivo para que o profissionalismo vingasse no futebol brasileiro no início da década de 1930. Assumindo o caráter de ocupação remunerada, esse esporte passava a encarar de outra maneira a relação entre jogadores, clubes e platéia. Da mesma forma, a imprensa poderia dispor de mais elementos para também se defrontar com uma nova ocupação profissional, qual seja a do jornalista esportivo. A luta de Mário Filho permitiu que se ultrapassasse a oposição do amadorismo no futebol, que trazia consigo um conceito de prática esportiva oriunda da Inglaterra e reservada a uma elite.

---

<sup>7</sup> É emblemático que dois dos principais clubes cariocas da atualidade, o Flamengo e o Vasco, tenham sido fundados enquanto “clubes de regatas” em 1895 e 1898, respectivamente, e que até hoje mantenham a tradição em seus nomes – Clube de Regatas Flamengo (CRF) e Clube de Regatas Vasco da Gama (CRVG).

Robert M. Levine, num breve texto sobre o futebol brasileiro <sup>8</sup>, afirma por sua vez que, já em 1913, as reportagens sobre uma partida de futebol frequentemente cobriam uma página inteira: os jornais importantes do Rio e São Paulo começaram a empregar repórteres de futebol em período integral, e os jornais diários de futebol apareceram no fim da década. No entanto, os primeiros diários esportivos a fazer sucesso surgiram na década de 1930; antes disso, porém, não havia manchetes de primeira página sobre eventos esportivos, embora estes sempre fossem registrados nas páginas internas dos jornais. Enquanto na Europa a cobertura esportiva só tenha recebido maior incremento após o final da II Guerra Mundial, em 1945, no Brasil o desenvolvimento do jornalismo esportivo se deu simultaneamente ao processo de profissionalização dos jogadores, a partir de 1933. <sup>9</sup>

Em São Paulo, por exemplo, o jornal *A Gazeta* lançou, já no final da década de 1920, uma publicação semanal dedicada à cobertura esportiva: “A importância do futebol, que ocupa largo espaço nos jornais, permite à ‘Gazeta’ lançar, em dezembro de 1928, a ‘Gazeta Esportiva’, semanário dirigido por Leopoldo de Sant’Ana, até 1930”.<sup>10</sup> Tomáz Mazzoni, personalidade de destaque no meio esportivo paulistano, dirigiu de 1930 a 1940 o semanário, que se transformou numa publicação diária a partir de 1948. <sup>11</sup> No Rio de Janeiro, o diário esportivo de maior importância no século passado foi o *Jornal dos Sports*, que passou a ser de propriedade de Mario Filho a partir de agosto de 1936. O *Jornal dos Sports*, surpreendentemente, não circulou durante muito tempo às segundas-feiras – dia em que normalmente o leitor mais se interessa pelo noticiário dos eventos do fim-de-semana. De todo modo, o jornal ostentava em 1ª página, ao longo de vários anos na década de 1950, a seguinte inscrição: “O matutino esportivo de maior circulação na América do Sul”.

O aprimoramento da imprensa esportiva não esconde, porém, algumas marcas apontadas por Tomáz Mazzoni já em sua obra de 1950. Essas características permaneceram por longo tempo atadas à figura dos jornalistas esportivos e ainda podem ser observadas largamente nos dias de hoje, especialmente entre os veículos de menor

---

<sup>8</sup> “Esporte e sociedade”, em *Futebol e cultura, coletânea de estudos*. São Paulo, Imprensa Oficial: Arquivo do Estado, 1982.

<sup>9</sup> Para maiores detalhes sobre a profissionalização do futebol no Brasil, ver José Sergio Lopes “A vitória do futebol que incorporou a pelada”, e Waldenyr Caldas “Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro”, ambos os textos em *Revista USP – Dossiê Futebol*.

<sup>10</sup> Nelson Werneck Sodré, *História da imprensa no Brasil*, p. 420.

<sup>11</sup> *A Gazeta Esportiva* deixou de ser publicada em dezembro de 2001, quando sua equipe passou a se dedicar à manutenção de um sítio ([www.gazetaesportiva.net](http://www.gazetaesportiva.net)) especializado em noticiário esportivo.

expressão. Entre essas particularidades, destaque para o fato de a cobertura do esporte ainda manter uma mentalidade clubística, regionalista, partidária e passional:

*A imparcialidade ficou completamente à margem nas crônicas e comentários sobre os jogos interestaduais. Nos jogos locais vigorava o clubismo extremado. Os cronistas não eram profissionais, salvo raras exceções. (...) Criaram assim uma crônica partidaríssima e é fora de dúvida que lhes cabe grande parte da responsabilidade pela formação da educação esportiva no Brasil.*<sup>12</sup>

Passado meio século, observa-se que a falta de profissionalização e o comprometimento dos homens do esporte ainda permanecem a rondar a aura do jornalista esportivo. Ainda hoje, nota-se que muitos profissionais preferem manter uma política de boa vizinhança com atletas e dirigentes, a fim de que se mantenham as “fontes” e para que os caminhos nos clubes não se fechem à sua atuação – “os jornalistas têm de manter relações amistosas com os jogadores e os dirigentes dos grandes clubes, o que muitas vezes os tornam reféns de sua profissão”.<sup>13</sup> O pioneirismo de Mario Filho (a partir da influência do jornalista na promoção de eventos) confunde-se atualmente com a parcialidade e o comprometimento de muitos profissionais envolvidos com o esporte na imprensa brasileira – em que não faltam acusações e suspeitas de que determinados jornalistas estão envolvidos na negociação de atletas ou na comercialização de eventos esportivos. Até em manuais de redação jornalística, o tema é recorrente: “A independência do jornal e do repórter precisa ser mantida a todo custo, principalmente quando há excursões esportivas. Nenhum favor (hospedagem, pagamento de passagem e outros) deverá ser aceito”.<sup>14</sup> E um dos maiores críticos dessa prática antiética dentro do jornalismo esportivo, o jornalista Juca Kfoury, não se cansa de explicitar as contradições da imprensa brasileira:

*Na imprensa esportiva brasileira, hoje, não sabemos se o cara é garoto propaganda, promotor de eventos, empresário de atleta, assessor de imprensa, se trabalha para um clube ou para uma mídia. Você não sabe se o jornalista recebe da CBF ou do jornal. Sem dúvida, há uma promiscuidade entre os jornalistas e a cartolagem, que faz com que eles se confundam.*<sup>15</sup>

Essa opinião é compartilhada ainda por diversas outras personalidades da imprensa, em diversas esferas. Melchiades Filho, editor de Esportes da *Folha de S. Paulo* e

<sup>12</sup> Tomáz Mazzoni, *op. cit.*, p. 116.

<sup>13</sup> Bill Murray, *Uma história do futebol*, p. 212.

<sup>14</sup> Mario L. Erbolato, *Jornalismo especializado – emissão de textos no jornalismo impresso*, p. 15.

responsável pelo grande número de colunistas e cronistas destacados pelo jornal para cobrir a Copa do Mundo da França, em 1998, posicionou-se da seguinte maneira diante do tema:

*A grande imprensa esportiva, com nuances é claro, ainda não absorveu os parâmetros do bom jornalismo: independência, espírito crítico e, sobretudo, compromisso exclusivo com o leitor. Acresça-se isso ao preconceito tolo da categoria, e continuamos desprestigiados no meio.*<sup>16</sup>

Outro sintoma que sempre envolve a imprensa esportiva é o corporativismo e o patrulhamento ideológico em torno da Seleção Brasileira. Ao comentar o fracasso do escrete canarinho na decisão da Copa de 1998, diante da França, o jornalista Clóvis Rossi coloca o jornalismo esportivo também como responsável pelo fiasco:

*Por falar em mídia, talvez seja o tempo para introduzi-la na relação dos culpados de turno. O jornalismo esportivo, no Brasil e em boa parte do mundo, é o único que tem licença, quando não estímulo, para ser descaradamente parcial. Não que haja imparcialidade absoluta nos demais segmentos do jornalismo. Quem conhece o governismo (seja qual for o governo) de uma parte dos meios de comunicação brasileiros sabe bem que a parcialidade é forte. Mas é envergonhada, disfarçada.*<sup>17</sup>

As críticas à má formação do jornalista esportivo brasileiro – condição que o acompanha desde os primórdios do desenvolvimento do futebol no país – não param por aí. O jornalista americano e brasilianista Matthew Shirts (que mantém atualmente uma crônica semanal em *O Estado de S. Paulo*), em texto publicado em 1980, refere-se nos seguintes termos à parcialidade de nossa imprensa esportiva:

*O baixo nível cultural de alguns cronistas esportivos, a mediocridade de outros, ou o simplismo da pretensão da crônica geral brasileira, estabelece e mantém um grau de alienação bastante alto. Vê-se, no seu discurso, uma visão burguesa de poder, sem que os próprios analistas, nem os leitores, o sejam. Trata-se de reproduzir no discurso futebolista o padrão classista, burguês. (...) Mantém-se, pois, dentro desta visão, o sistema intato: os valores burgueses são fortalecidos. Questionamento qualquer, nulo. É ainda necessário enfatizar que a narrativa propõe modelos, padrões de vida.*<sup>18</sup>

---

<sup>15</sup> Em entrevista a Marcos Gomes e Paulo Cessar R. Carrano, em *Futebol: paixão e política*, p. 49-50.

<sup>16</sup> Melchiades Filho, em entrevista concedida a mim em 2 de dezembro de 2001, por e-mail.

<sup>17</sup> “Na lista dos culpados, o jornalismo tem seu lugar”, 14/07/98, *Folha de S. Paulo*.

<sup>18</sup> “Futebol no Brasil ou football in Brazil?” em *Futebol e cultura*, p. 94.

Janet Lever, outra universitária americana que se deslumbrou pelo futebol brasileiro depois de participar de um intercâmbio no país na década de 1970, atesta no livro *A loucura do futebol* a importância dada à cobertura esportiva nos jornais paulistas e cariocas. Segundo ela, o torcedor brasileiro teria à disposição mais notícias esportivas diárias do que os leitores europeus e americanos, considerando-se aqui não apenas os jornais esportivos especializados, como também os de interesse geral. Outra particularidade da imprensa nacional comprovaria mais uma vez o caráter passional de nossa cobertura:

*Os jornalistas esportivos brasileiros estão dispostos a sacrificar a privacidade dos astros para vender jornal e preenchem todo o espaço disponível. Os jornalistas americanos escrevem menos sobre as vidas particulares e mais sobre o que os jogadores fazem no campo.<sup>19</sup>*

Conquanto o tema seja provocador, cabe observar que essa acomodação do profissional do esporte na imprensa brasileira tem a ver com a falta de importância ou a falta de seriedade que circundavam o esporte, de forma geral, e com a idéia de que se tratava de uma seção da imprensa ligada apenas ao entretenimento. E como o futebol assumiu preponderância nas coberturas esportivas, ele mesmo passou a ser visto como alienante e aliciador. Pierre Bourdieu oferece ainda análises pertinentes que explicam o porquê de o conceito da alienação ter-se aplicado de modo tão contundente ao esporte, conforme preconizado por Umberto Eco. O sociólogo francês demonstra como as instituições escolares viram nos esportes uma maneira de ocupar, com menor custo, os adolescentes e crianças que estavam sob sua responsabilidade em tempo integral:

*Quando os alunos estão no campo dos esportes, é fácil vigiá-los, dedicam-se a uma atividade 'sadia' e direcionam sua violência contra os colegas ao invés de direcioná-la contra as próprias instalações ou de atormentar seus professores. Sem dúvida está é uma das chaves da divulgação do esporte e da multiplicação das associações esportivas que, originalmente organizadas sobre bases beneficentes progressivamente foram recebendo o reconhecimento e a ajuda dos poderes públicos.<sup>20</sup>*

Não se pode negar, todavia, que o fato esportivo ganhou novas dimensões depois que o rádio, num primeiro momento, e a televisão, mais tarde, surgiram na mediação das competições, jogos e eventos. Com incremento dessas duas novas mídias, os meios

---

<sup>19</sup> Janet Lever, *A loucura do futebol*, p. 114.



impressos tiveram que deixar de lado o mero registro dos jogos, como se fossem atas de resultados, para especializar suas equipes de cobertura. Além disso, a linguagem esportiva dos jornais, com pretensões explicitamente literárias no início, também precisou ser modificada. Assiste-se assim, a partir da década de 1960, ao desenvolvimento das editorias de esporte nos grandes jornais, o que inibiu os jornais especializados. Esse processo em busca de maior “qualificação” do jornalista esportivo brasileiro seria incrementado em 1970 com o lançamento, pela Editora Abril, da Revista Placar, que procurou revolucionar a cobertura esportiva no país. Utilizando uma linguagem mais moderna, buscando novas abordagens no tratamento dos atletas, abusando do uso de imagens e fugindo dos lugares-comuns próprios do meio do futebol, a revista sedimentou-se rapidamente como um dos veículos mais importantes no mundo do esporte e passou a influenciar as coberturas dos principais jornais brasileiros.

O maior desenvolvimento das coberturas esportivas se dá, com efeito, a partir do momento em que se percebe o potencial mercadológico que o esporte, de forma geral, e o futebol, em particular, passam a oferecer com a popularização e o maior alcance das transmissões televisivas. A parceria entre televisão e esporte ganha importância ímpar no início da década de 1970, por força do crescente avanço técnico presente nas transmissões esportivas:

*As imagens transmitidas ao telespectador sofreram diversos avanços técnicos, entre os quais se destacam: a repetição em câmara lenta, em meados da década de 1960; e a transmissão em cores, poucos anos depois; as tomadas aéreas exibindo estádios lotados os ‘close-ups’ registrando a angústia ou a alegria de jogadores e torcedores foram possíveis graças aos progressos tecnológicos da década de 1970. Dez anos depois as imagens múltiplas e o uso de várias câmeras permitiram que os gols ou suas tentativas fossem repetidos a partir de diversos ângulos.<sup>21</sup>*

Mas a força da televisão não se presentifica apenas por meio das melhorias tecnológicas, mas também, e talvez principalmente, pela diversidade de informações que esse veículo de comunicação é capaz de sintetizar, submetendo o telespectador a uma condição mais passiva e imóvel:

---

<sup>20</sup> Pierre Bourdieu, “Como é possível ser esportivo”, p. 146.

<sup>21</sup> Bill Murray, *op. cit.*, p. 203-204.

*A televisão pretende ocupar todos os sentidos dos telespectadores. Ao mesmo tempo que tomadas de vários ângulos preenchem o campo visual, a voz do locutor e comentarista completam o som, num processo rápido que não deixa espaço ou tempo para o telespectador fazer suas próprias análises sobre o esporte transmitido, e até sobre a publicidade e outras mensagens subliminares.*<sup>22</sup>

A partir da década de 1980, o esporte e a imprensa esportiva já representam um rentável negócio e fonte de lucros para grandes empresas. As editorias de esporte se especializam cada vez mais e chegam até a criar subdivisões, para poder comentar as diversas modalidades esportivas. Além disso, a busca de patrocínios e a compra de espaço por empresas promotoras de eventos dão a noção exata da nova ordem econômica em torno do jornalismo esportivo:

*O jornalismo, como atividade empresarial, serve-se da fascinação do esporte para transformá-lo em lucro e prestígio (que também se converte em lucro, posteriormente). Em troca, beneficia as próprias entidades esportivas – os clubes e as associações – fazendo-as operar com um negócio altamente rendoso. Lucro, portanto, para ambas as partes.*<sup>23</sup>

Nesse sentido, o esporte, como produto da sociedade industrial e urbana (filho direto da Revolução Industrial<sup>24</sup>), adquire também uma estrutura equivalente à que se vê nos processos de produção fabril. Hoje em dia, tornou-se natural que os jornais dêem especial atenção à cobertura dos espetáculos esportivos: “Qualquer jornal de média e grande circulação que, hoje em dia, almeje o ‘status’ de ser chamado de ‘grande imprensa’, não poderá prescindir de uma respeitável página esportiva”.<sup>25</sup>

A importância do noticiário esportivo na grande imprensa pode ser atestada inclusive entre leitores da *Folha de S. Paulo*, jornal que, ao longo dos últimos anos, não se caracterizou por apresentar um público que priorizasse a cobertura esportiva em suas páginas. Em 2001, por exemplo, dentre as 8.228 manifestações recebidas pelo ombudsman da *Folha*, o maior número delas (985, o que representa 11,97% do total) referiam-se a matérias publicadas no caderno de Esportes do jornal.<sup>26</sup> Atrás de esporte, apareciam

<sup>22</sup> Nadja Sampaio, “O esporte na televisão”, em *Esporte e poder*, p. 63.

<sup>23</sup> Lauro Freitas Filho, “A cobertura esportiva no rádio e no jornal” em *Esporte e poder*, p. 52.

<sup>24</sup> Nadja Sampaio, *op. cit.*, p. 65.

<sup>25</sup> Lauro Freitas Filho, *op. cit.*, p. 52.

<sup>26</sup> Bernardo Ajzenberg, “Números do atendimento”, *Folha de S. Paulo*, 10/02/02, p. A-6.

manifestações sobre o próprio ombudsman (712 casos), sobre o caderno Brasil (672) e o caderno Cotidiano (666).

Nos últimos vinte anos os jornais de referência brasileiros intensificaram seus esforços no sentido de manter equipes mais preparadas para as editorias de esporte, com pessoal mais especializado. Além disso, por força de investimentos maciços no meio editorial, patrocínios crescentes, melhoria nas tecnologias de transmissão de dados e desenvolvimento das empresas de mídia impressa enquanto grandes conglomerados de comunicação, o futebol pôde ganhar espaços nunca antes vistos em nossos cadernos esportivos. A seção de esportes passa a funcionar, desse modo, como um jornal autônomo dentro do jornal, tal é o nível de especificidade e detalhamento que cerca o universo esportivo.

Aqui se dá a grande ironia com relação ao profissional de esporte: as Copas do Mundo de futebol, que por um lado representam o evento esportivo de maior audiência global no planeta, adquiriram no Brasil uma importância ímpar, devido à representatividade que essa modalidade esportiva recebeu no país; no entanto, num processo que se verifica a partir da década de 1990, um dos recursos utilizados pelos jornais na concorrência com as televisões foi o recrutamento cada vez maior de escritores, jornalistas, cantores, artistas, políticos e outras personalidades – todos com nomes (leia-se “grifes”) bem conhecidos do grande público – para escrever sobre a participação do Brasil nos Mundiais de futebol. A grande diferença é que no futebol o leitor comum aceita, *lato sensu*, qualquer tipo de opinião, já que não há cientificismo que dê conta da análise esportiva (à exceção, é claro, das leituras estatísticas e meramente quantitativas que povoam algumas páginas dos jornais brasileiros de hoje). Um leigo que por ventura venha a comentar jogos da Seleção Brasileira não sofrerá a mesma rejeição por parte do público esportivo se comparado a um leigo que passe a analisar pacotes econômicos ou crises cambiais na América do Sul, por exemplo. É por isso que, nas últimas Copas do Mundo, os jornais investiram com tamanho peso no recrutamento de personalidades fora do esporte para comentar a campanha de nossa Seleção, em detrimento até mesmo dos jornalistas esportivos que exercem seu ofício mesmo nas épocas em que o futebol não movimentava tanto aporte de publicidade e de exposição na mídia diante de seu público comum.

Dessa maneira, torna-se singular notarmos que, em épocas de Copa do Mundo, os mesmos jornais que investiram na melhoria e aperfeiçoamento de suas equipes esportivas, passaram a recorrer cada vez mais à contratação de colunistas e cronistas de diferentes áreas alheias ao esporte (literatura, política, economia, música, humor etc.). Os jornalistas esportivos “da casa” são relegados a um plano secundário, momento em que aquelas “celebridades” fazem prevalecer um discurso mais subjetivo e ficcional, em contraponto à cobertura pretensamente objetiva das reportagens esportivas. Mesmo na hora do “filé mignon” da Copa do Mundo, o jornalista esportivo cede lugar, ainda hoje, para que o banquete seja repartido com jornalistas de outras áreas. A editoria de esporte, apesar do notável avanço, do significativo preparo e da especialização crescente de seu pessoal, continua representando um “gênero menor” dentro dos gêneros tidos como sérios do jornal (as editorias de política, economia, em primeiro grau, e a de artes e cultura , em segundo grau).

#### BIBLIOGRAFIA

- BOURDIEU, Pierre. “Como é possível ser esportivo?” em *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.
- CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”, em *Recortes*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- CARRANO, Paulo Cesar R. (org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.
- ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- ERBOLATO, Mario L., *Jornalismo especializado – emissão de textos no jornalismo impresso*, São Paulo, Atlas, 1981.
- ESPORTE E PODER, Gilda Korff Dieguez, org., Petrópolis, Vozes, 1985.
- FONSECA, Ouhydes. “Esporte e crônica esportiva”, em *Esporte & Jornalismo*. (org. Pascoal L. Tambucci, José G.M. de Oliveira & José Coelho Sobrinho) São Paulo, Cepeusp/USP, 1997.
- LEVER, Janet. *A loucura do futebol*. Rio de Janeiro, Record, 1983.
- PEDROSA, Milton (org.). *O olho na bola*. Rio de Janeiro, Gol, 1968.
- MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo, Edições Leia, 1950.
- \_\_\_\_\_. *Problemas e aspectos do nosso futebol*. São Paulo, A Gazeta, 1939.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom & WITTER, José Sebastião. (org.) *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo, Imprensa Oficial: Arquivo do Estado, 1982.

MURRAY, Bill. *Uma história do futebol*. São Paulo, Hedra, 2000.

REVISTA USP – *Dossiê futebol*. São Paulo, trimestral, nº 22, jun-ago.1994.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.